

Observações da flora orquídeacea na linha de vertente da Serra do Mar em local acidentalmente queimado

Ralph Antunes

R. Caiapós 92, São Francisco CEP 24360-190 – Niterói-RJ Brasil
ralph.antunes@terra.com.br

Observations of the orchid flora of the ridge of the Serra do Mar at a site which was accidentally burnt.

Abstract: The author describes and discusses observations made on 3 visits in winter and spring 2004 to a site on the ridge of the Serra do Mar between the municipalities of Nova Friburgo and Silva Jardim, RJ, at an altitude of 1,000 – 1,100 m. The site is considered to be forest that was accidentally burnt and having natural recovery. Two epiphytic species, growing on dwarf trees, and 16 terrestrial orchids are cited. Considerations are made about the possible successional stages of the ecosystem and its conservation.

Resumo: O autor descreve e discute as observações feitas em 3 visitas que ocorreram durante o inverno e primavera de 2004, a uma localidade na vertente da Serra do Mar, entre os municípios de Nova Friburgo e Silva Jardim, RJ, à altitude de 1.000 – 1.100m. A área visitada é considerada floresta acidentalmente queimada com recuperação espontânea. São citadas duas espécies epífitas, crescendo sobre as árvores baixas do local, e 16 orquídeas terrestres. São feitas considerações sobre as possíveis etapas de sucessão do ecossistema e sua conservação.

Entre os meses de julho a outubro de 2004 efetuamos três visitas a um ponto específico da vertente da Serra do Mar, entre os municípios de Nova Friburgo e Silva Jardim, com altitude situando-se entre 1.000 e 1.100 metros. Ao nos aproximarmos da cota de 1.000 metros, percebemos que a altura das árvores diminuía para cerca de cinco metros, contra cerca de dez a quinze metros nos trechos mais baixos. Esta proximidade da copa nos permite ver com mais facilidade orquídeas epífitas, como *Prosthechea vespa* (ex *Encyclia vespa*), *Grobya amherstiae* e outras. Observamos também a ocorrência de orquídeas terrestres como *Cleistes* sp. e *Zygopetalum* sp, que, por exigirem maior luminosidade, não são encontradas na floresta mais alta e escura.

Ao atingirmos a linha de vertente, observamos árvores esparsas de pequeno porte e estatura crescendo em terreno coberto com espessa camada de turfa, com pelo menos 50 centímetros de espessura, formada por muitos anos de acúmulo de folhas caídas (fig.1). O solo apresenta em diversos pontos sinais de carbonização, consequência de incêndio prévio, muito provavelmente em decorrência da queda de raios. Parte do solo encontra-se sem nenhuma cobertura vegetal. A vegetação rasteira,

onde existe, é composta por samambaias, gramíneas, algumas bromélias e uma grande quantidade e variedade de orquidáceas habitualmente epífitas e outras terrestres. Trata-se de oportunidade excepcional para observar espécies epífitas crescendo ao alcance dos olhos e das lentes da máquina fotográfica. Interessante notar que certas espécies se apresentam muito mais robustas crescendo no solo do que em crescimento epifítico. Como exemplo, vimos *Maxillarias* exuberantes, provavelmente *M. ubatubana*



Figural: Pedro G. N. Guimarães e as árvores sobreviventes ao lado de troncos e galhos de árvores queimadas em incêndio acidental, notar a boa iluminação do solo.

Miller e Warren (1) descrevem sete micro-climas e micro-ecossistemas naturais na região de florestas de Macaé de Cima, em Nova Friburgo – RJ. Cada um deles tem sua própria flora orquidácea, adaptada às condições específicas em relação a luminosidade, umidade, ventilação e temperatura. São eles:

1. Copa das árvores ou dossel florestal;
2. Zona intermediária das árvores;
3. Parte baixa dos troncos ou chão da floresta;
4. Região sub-florestal escura, ao longo do curso de rios e riachos e no fundo de barrancos rochosos;
5. Faces rochosas íngremes;
6. Campos de altitude;
7. Topo de montanhas e cristas conectando os picos;

Citam ainda outros quatro relacionados à floresta em regeneração:

8. Floresta primária acidentalmente queimada com recuperação natural e espontânea;
9. Floresta primária cortada e queimada para cultura agrícola e abandonada após um ou dois anos;
10. Floresta primária cortada e queimada para cultura ou pasto permanentes e abandonada após muitos anos;
11. Barrancos à margem das estradas acima de mil metros de altitude.

Cada um destes outros quatro micro-ambientes também oferece condições específicas para o crescimento mais ou menos propício de orquidáceas. Neste artigo descrevemos observações em visita a um local de micro-ambiente tipo 8 da lista acima, ou seja, floresta acidentalmente queimada com recuperação natural e espontânea. De antemão alerto que são observações de orquidófilo e não de um biólogo, botânico ou orquidólogo, o que, em parte, exime de maiores rigores científicos. Entretanto tentaremos ser fiéis e objetivos na medida do possível.

A provável sequência que leva à formação deste micro ambiente deve se dar mais ou menos como se segue: Um raio atinge uma das árvores mais altas da vertente da serra causando um incêndio. O fogo se alastra pelas árvores vizinhas, matando umas e outras não. Porém, todos os arbustos mais baixos são queimados, deixando o solo turfoso exposto a uma luminosidade maior que a habitual. Sementes de orquídeas terrestres, como as citadas anteriormente, encontram oportunidade para germinar e se desenvolverem. Orquídeas epífitas sobreviventes nos troncos das árvores mortas e aquelas existentes nas árvores sobreviventes lançam sementes, que também encontram condições para desenvolvimento no solo turfoso, agora bem iluminado. As árvores mortas acabam caindo, depositando plantas adultas diretamente no solo. Eventualmente a floresta se regenera, cobrindo o solo de sombras, recompondo o ambiente original.



Figura 2: *Pleurothallis sclerophyta*, habitualmente epífita crescendo e florindo no solo.

Descrevemos a seguir algumas espécies que pudemos identificar, todas crescendo no solo:

Bifrenaria atropurpurea
Bifrenaria wendlandiana
Cleistes vinosa
Encyclia patens (= *E. odoratissima*)
Epidendrum ellipticum
Gomesa glaziovii
Maxilaria acicularis
Maxillaria ochroleuca
Maxillaria valenzuelana
Octomeria sp
Pleurothallis sclerophylla
Prescottia montana
Prosthechea vespa
Tetragamestus modestus
Zygopetalum crinitum



Figura 3: *Prosthechea vespa*, é um bem sucedido colonizador, muito frequente em áreas acidentalmente queimadas.

Muitas outras estão presentes, mas com período de floração que não coincidiu com o dessas primeiras visitas, dificultando a identificação exata.

Deixando o topo da montanha em direção à encosta sul, voltada para o mar, basta caminhar poucos metros para adentrarmos um ambiente totalmente diverso. A umidade aumenta drasticamente, a altura das árvores torna-se muito maior e o solo torna-se sombreado e encharcado. Obviamente, a flora orquidácea nesse ambiente é completamente diversa ao nível do solo e na parte baixa e intermediária dos troncos das árvores. Mas aí já é assunto para outro artigo.

Ao visitarmos pela primeira vez este local, surgiu imediatamente o medo de que venha a ser descoberto e devastado por mateiros, dado que uma grande quantidade de orquídeas encontra-se ao alcance dos olhos e das mãos. Felizmente, não existem mateiros entre os habitantes das proximidades, pelo menos por enquanto. Na medida em que nós orquidófilos nos abstermos de adquirir plantas de fornecedores que não cultivam as plantas que vendem a partir de sementeira, não haverá mercado para esta atividade criminosa, onde o orquidófilo inescrupuloso é o autor intelectual.

- (1) Miller, D. & R. Warren. 1994. Orchids of the High Mountain Atlantic Rain Forest in Southern Brazil. Rio de Janeiro, Salamandra Consultoria Editorial. 182pp